

P. Guinote



Organizações Não Governamentais  
do Conselho Consultivo da Comissão  
para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

# Quotidianos Femininos (1900-1933)

I Volume

Este trabalho foi apresentado no âmbito do Prémio «Mulher Investigação 1997» promovido pelas Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres e cuja publicação foi considerada de interesse pelo Júri.

Todos os textos desta publicação podem ser reproduzidos em parte ou no seu todo com citação da fonte.

Os textos incluídos exprimem unicamente a opinião dos respectivos autores.

Paulo Guinote

Quotidianos Femininos  
(1900-1933)

I Volume



Lisboa  
1997

**Ficha Técnica:**

**Título:** *Quotidianos Femininos (1900-1933)*

I Volume

**Autor:** Paulo Guinote

**Execução gráfica:** Gráfica 2000 – Cruz Quebrada

**Tiragem:** 2000 exemplares

**Depósito Legal:** N.º 121053/98

**ISBN:** 972-597-148-5

cionalistas, mesmo quando o patriarca, em momento de evasão, aí surgisse com os seus amigos em busca de novas emoções. Mas este novo tipo de espaços de diversão também teria, na maior parte dos casos, uma existência relativamente efêmera; fundados nos últimos tempos da guerra ou nos anos imediatos, seriam muitos os que foram fechando portas ao longo dos anos 20, sendo poucos os casos que sobreviveram até à década seguinte (BARROS: 1990, quadro V).

No entanto, muitas mulheres nunca teriam qualquer oportunidade de conhecer a “cristalização artística” conseguida no Bristol (*ABC*: 29 de Julho de 1927) e os seus ambientes de diversão e convívio era muito diferentes: a Rua onde quase viviam, os mercados onde faziam as suas compras e onde se punham a par das últimas novidades, não do mundo ou do próprio país, mas antes da vizinhança, não das modas parisienses mas antes do preço da chita na capelista da esquina. Aquilo que o brilho dos *night-clubs* de meados dos anos vinte nos oculta com o seu cintilar, são os sazonais bailes dos santos populares de Alfama, da Mouraria, da Graça, da Bica, etc, com a sua ingénuo e muito pouco sofisticada invasão de becos, pátios e ruelas que então também se iluminam e onde também são comuns, à sua escala na hierarquia das elegâncias, as paixões mais ou menos ocasionais e os *flirts* do momento, onde a Mulher se mantém centro polarizador das atenções.

### 2.3.3. - A Imprensa Feminina

Outro dos meios mais ao dispôr das mulheres de todas as idades para colorirem um pouco o seu quotidiano, para enriquecerem as suas fantasias ou para recolherem informações sobre a forma como se comportarem e embelezarem melhor, era o manancial de revistas femininas que, ao longo dos anos, se sucederiam na imprensa periódica nacional. Mesmo no período em que os principais títulos informativos se mostravam pouco sensíveis a um noticiário ou a colunas de opinião mais ligadas às questões femininas, sempre existiram variados órgãos que fizeram do universo feminino o seu público preferencial, ou mesmo exclusivo.

Até ao momento, todas as tentativas mais ou menos sistemáticas de proceder a um levantamento dos títulos que é possível recensear neste cam-

po revelaram-se incapazes de nos devolver a relativa abundância das publicações ligadas à Mulher que tiveram uma mais ou menos longa existência das últimas décadas da Monarquia até aos primórdios do Estado Novo. Entre outras, Regina Tavares da Silva (SILVA: 1983), Ana Nunes de Almeida (ALMEIDA: 1987) e Ivone Leal (LEAL: 1992) tentaram-no mas, apesar dos meritórios esforços, apenas nos facultaram amostras da totalidade, como facilmente se constata através de uma exploração mais apurada dos ficheiros da Biblioteca Nacional, como a que recentemente foi efectuada pelos seus próprios serviços em torno do tema da Moda (AA.VV: 1991)

Não deixa de ser um aparente contra-senso que, depois de tudo o que ficou dito sobre as insuficiências e dificuldades da educação feminina, das altas taxas de analfabetismo, das limitações culturais das escassas camadas instruídas, se constate no plano editorial uma razoável proliferação de publicações destinadas preferencialmente a um público feminino ou, no mínimo, com um forte apelo para a sua leitura por parte das mulheres. Com intuítos formativos, de educação da mulher, futura ou já esposa e mãe, recreativos, de ocupação dos seus momentos de lazer, ou escapistas, apelando à adesão às novas tendências e modas do momento, o número de publicações cujo público visado era a mulher, embora com oscilações, representa um contingente assinalável.

Embora com natural heterogeneidade qualitativa, de vida mais ou menos efémera, muitos títulos se sucederam, merecendo maior ou menor adesão da sua audiência-alvo. Ao mesmo tempo, os grandes órgãos de informação abriam espaços específicos dedicados à mulher, para além das novelas em folhetins diários que, desde muito cedo, incluíram nas suas páginas. Os espaços, por vezes em páginas e com regularidade variáveis, singelamente encimados com o título “Modas”, acompanhado com uma pequena imagem desenhada nos primeiros anos do século, cedem a pouco e pouco perante espaços claramente definidos e com uma periodicidade regular, que vão começando a apresentar fotos dos modelos da temporada. Mas, ao lado das modas, surgem igualmente espaços dedicados a fazer a crónica de diversos outros assuntos de interesse feminino, nomeadamente da progressão da presença feminina em diversos campos da vida social, nas artes, nas letras, na política, no desporto, na educação etc.

É óbvio que esta imprensa é um fenómeno marcadamente urbano e que, apesar da multiplicação das propostas, o seu público potencial não era muito elástico. Só uma parte limitada da população feminina estava em condições de reunir as capacidades literárias, os meios financeiros, a disponibilidade de tempo, para apreciar devidamente revistas de grandes ambições iniciais e aparato gráfico como a *Parisiana* (1914), a *Voga* (1927), a *Mulher e o Lar* (1931), colunas requintadas de moda como as da *Ilustração Portuguesa* ou de diversos assuntos da actualidade como a “A Mulher na Vida, na Arte e no Lar” d’*O Século*, ou para compreender e assimilar a mensagem de outras publicações como a *Sociedade Futura* (1902), *A Mulher e a Criança* (1909), *A Madrugada* (1911), a *Semeadora* (1915), a *Alma Feminina* (1917) ou o *Portugal Feminino* (1930).

Uma característica comum à larga maioria destas publicações é o facto de serem da responsabilidade das próprias mulheres, sendo pouco os casos em que os homens assumem o papel de produzir materiais destinados às mulheres, mesmo quando isso se relaciona com a sua educação. Se não era de esperar que fosse responsabilidade masculina o ponto da situação das últimas tendências da alta-costura parisiense, não seria de estranhar que, no caso de existir uma preocupação assumida em evitar uma menos adequada formação feminina, passasse pelas mãos masculinas o controle de publicações destinadas a enquadrar os interesses femininos. No entanto, ou por ser considerada tarefa menor e irrelevante do ponto de vista intelectual, por simples desinteresse ou por consciência de uma inaptidão natural do sexo masculino para compreender as inclinações do sexo oposto, a verdade é que a direcção e edição das publicações destinadas à Mulher passam prioritariamente por mãos femininas.

Isto significa, portanto, a existência de uma camada feminina suficientemente instruída e com acesso aos meios financeiros necessários para erguer um vasto conjunto de publicações, que se vão sucedendo entre o final do século XIX e o início dos anos 30. A imprensa feminina acaba por ser assim o resultado de uma espécie de auto-formação que se divide por alguns ramos temáticos principais, que coexistem em muitos casos, embora com pesos relativos diferentes.

Um equívoco em que vulgarmente se incorre ao abordar o tema da imprensa feminina é o de tender a circunscrevê-la apenas às questões da

Moda e suas associadas quando, em particular nas duas primeiras décadas deste século XX, elas dificilmente suplantam em termos quantitativos outro tipo de publicações mais preocupadas com a educação feminina e a propaganda de ideais feministas ou mesmo com uma natureza mais literária. As propostas são mais variadas do que uma leitura limitada da realidade nos pode fazer crer, mesmo quando nos é difícil, para além da frequência dos títulos, medir a implantação efectiva dessas publicações em termos de tiragem. Quando à duração média do seu período de vida, também se revela difícil encontrar uma clara clivagem entre os diversos géneros de revistas, que podemos tentar distinguir da seguinte maneira:

- O conjunto de publicações, maioritário em termos quantitativos para todo o período estudado, relacionadas com os assuntos da Moda, a que dedicam o seu maior espaço e em função da qual organizam o seu aspecto gráfico, desde o vestuário aos cosméticos, assim como com outras questões da actualidade, conselhos às donas de casa, noticiário diverso, novelas, pequenos contos, etc. Em termos de colaboração, para além dos espaços de produção própria, existe uma razoável dependência de materiais provenientes do exterior, com destaque para os *clichés* dos últimos modelos e para a tradução/adaptação de artigos de revistas internacionais. Os exemplos são numerosos, podendo-se mencionar, apenas em termos de amostra, o *Jornal das Senhoras*, o *Jornal da Mulher*, a *Rainha da Moda*, a *Vida Elegante*, a *Parisiana*, a *Moda Elegante*, a *Moda Ilustrada*, entre muitos outros títulos do género.

- Um outro tipo de periódicos que, embora podendo abordar as questões dominantes no grupo anterior, se preocupa principalmente com questões de educação e pedagogia, visando a formação das jovens e das mães para a sua vida adulta, assim como também das próprias crianças. O peso relativo das questões da Moda pode ser aqui muito reduzido, aumentando em alguns exemplos um maior intervencionismo cívico e político que, contudo, constitui o núcleo de interesse fundamental de uma terceira categoria de publicações. Embora incluindo ocasionalmente colaboração internacional ou traduções, a maior parte das suas matérias é produzida pelos colaboradores nacionais da publicação, como é o caso da *Revista Branca*, *A Mulher Médica na Família*, a *Revista Feminina*, etc, independentemente da natureza mais conservadora ou liberal do seu discurso.



- Finalmente, um leque de boletins e revistas cuja motivação básica é uma activa intervenção no debate das questões sociais, em particular as mais directamente relacionadas com o papel das mulheres na sociedade. Aqui, surgem lado a lado textos originais dos seus corpos de colaboradores(as) e traduções diversas de artigos publicados previamente em periódicos congéneres de outros países. Estas são as chamadas publicações “feministas”, de que se destacam a *Sociedade Futura*, a *A Mulher Portuguesa*, a *Semeadora*, a *Alma Nacional*, a *Madrugada*, a *Mulher Livre*, etc, etc.

As diferenças fundamentais entre as diversas propostas editoriais ficavam logo claramente expostas nas notas de apresentação das respectivas publicações, onde se definiam as intenções e as audiências procuradas. Um ponto comum era a pretensão de vir ocupar um espaço, considerado “vazio”, e responder a aspirações ainda não preenchidas do público feminino, de quem se esperavam os favores. Sigamos, então, um pequeno resumo das palavras iniciais de algumas dessas publicações, como forma privilegiada de conhecer os objectivos que assumiam explicitamente, mesmo que isso nos ocupe um pouco mais de espaço:

“Iniciamos hoje a publicação duma revista consagrada a ssumptos de interesse feminino.

Orientar a educação artística da mulher portuguesa, rasgar-lhe horizontes mais luminosos de vida espiritual, revelar-lhe, em noções praticas, os curiosos segredos em que residem o aformoseamento e a felicidade do lar - tal deve ser o programma a que nos propomos no emprehendimento deste jornal. Não duvidamos em affirmar que elle vem preencher uma lacuna sensível no nosso meio nem em confiar que será acolhido com a fidalga gentileza dum senso...” (*O Jornal da Mulher*. 5 de Julho de 1910, 2)

“Promete a nossa revistinha não ter programa. É uma amiga humilde e paciente, uma nova companheira espiritual da Mulher. Nas suas páginas esta encontrará conselho e divertimento, indicações úteis, coisas que a interessarão, profundas umas, futeis outras, algumas valiosas com a rusticidade da es-

puma constante da agua na boca. Creada exclusivamente para a Mulher e feita sem propositos negociativos dirá sempre a verdade, quer sobre modas, quer sobre a casa, quer as questões que lhe ponham para o seu voto. (...) Que mais dizer? Que muito faremos se a Mulher, para quem a *Vida Feminina* nasceu, nos ajudar. E se ela nos ajudar, diz-nos um genio bom a si mesmo se ajudará.” (*Vida Feminina*: 8 de Junho de 1925, 1)

“ Ides receber, hoje, das mãos prestáveis do «carteiro», entre a vossa habitual correspondência, o nosso jornal: um desconhecido, um intruso, um indiscreto, que irá talvez surpreender-vos no vosso «boudoir» na tarefa mais espontânea da Mulher - a «toilette».

(...) «A Mulher e o Lar», dar-vos-á em todos os seus números, algumas indicações sôbre as últimas criações da Moda, falar-vos-há de Teatro, Cinema e Desportos, inserirá sempre um despretençiosa página literária, algumas poesias inéditas, dar-vos-há alguns alvitres para o alindamento da vossa casa, aconselhar-vos-há sôbre os cuidados a ter com os vossos adoráveis «bébés» (...).” (*A Mulher e o Lar*. 25 de Março de 1931, 3)

As posições mais aguerridas e esclarecedoras deviam-se normalmente aos órgãos mais activamente feministas, porventura para se distinguirem claramente, com maior ou menor modéstia, dos órgãos tidos como preenchidos por temáticas mais fúteis e incapazes de ajudar à modificação da condição feminina:

“A Associação de Propaganda Feminista inicia hoje a publicação da sua revista mensal, *A Mulher Portuguesa*, cujo fim é defender, pela palavra escrita, os ideais de progresso social, económico e politico das mulheres.

Nêsse elevado intuito, iremos expondo, em nossas colunas, as ideias, os principios essenciais, as doutrinas que constituem êsse movimento social, convencionalmente chamado *Feminismo*, e por certos pensadores da maior autoridade (...).

Nos estreitos limites de que dispõe, a nossa Revista acompanhará, pois, o movimento feminista internacional, dando grande desenvolvimento ao estudo do sufrágio da mulher, base essencial da sua completa libertação politico-social.” (*A Mulher Portuguesa*: Junho de 1912, 1-2)

“Ao encetar-se uma publicação periodica, visando uma determinada propaganda, é costume apresentar o seu primeiro numero abandeirando em arco, cheio de esperanças e afirmando o seu programa como um hino de revolta, que já conta o triunfo como certo.

Nós, pelo contrario, entramos serenamente na vida, sem pretensões a dirigentes, nem desejo que nos tomem como agitadores dum movimento de reivindicação social, que está ainda bastante do estado moral e material da vida portugueza.

(...) Achamos que é boa ocasião para desempenharmos no nosso país o duplo fim de registrar o que nos outros se faz de bom e de util, e dizer o que entre nós tambem se vai progredindo e trabalhando.

Será pouco?... É do nosso feitio e da nossa orientação nada acharmos pouco e tudo aproveitarmos, não esmorecendo nem parando nunca no avançar das ideias.” (*A Semeadora*: 15 de Julho de 1915, 1)

Outras revistas jogavam na conjugação de um público feminino e infantil, procurando servir principalmente às mães numa adequada educação dos seus filhos; o explícito desejo de chegar aos mais jovens era apenas uma estratégia para formar as próprias mulheres:

“A REVISTA BRANCA será o *amigo dos pequenos e dos novos*, apparecendo a visital-os duas vezes por mes.

N’essa visita bi-mensal, falará de muita cousa. Irá contando novellas e romances, anedoctas para rir e outras para fazer pensar. Dará conta dos acontecimentos da quinzena mais proprios a impressionarem os moços, offerecendo-lhes a varia

lição que deve tirar-se da mistura de risos e lágrimas que constitui a cena social. Invocará o canto dos mais queridos poetas portugueses. Terá um pensamento enternecido para a memória de grandes figuras humanas que nunca deverão esquecer-se.” (*Revista Branca*: 10 de Fevereiro de 1899, 3-4)

Uma assinalável quantidade de títulos deixava, contudo, o seu sucesso a uma certa ambiguidade de finalidades, não procurando reduzir a sua audiência potencial ao circunscrever a sua área de acção a um determinado campo; são disso exemplo, entre vários outros possíveis, o mensário *Mulheres do Norte*, devido sua implantação local que aconselharia um ecletismo do seu conteúdo, e a revista *Portugal Feminino*, cuja “Sinfonia de Abertura”, entregue a Tereza Leitão de Barros, estaria longe de ser esclarecedora:

“Não aparece êste modesto jornal feminino à luz da publicidade, porque a sua falta se fizesse sentir, como é vulgar dizer-se.

Não! Ele surge apenas para dar forma e vida a uma esperança que há muito tempo vinhamos acentuando nos nossos devaneios espirituais, e se resume num singelo passatempo intelectual agradável, que proporcionará aos seus fundadores, amigos, leitores assignantes, alguns momentos de prazer literário, pois o nosso intuito é seguir, respeitar e amar quanto possível, a bôa e sã literatura portuguesa.” (*Mulheres do Norte*. 12 de Abril de 1925, 1)

“*Portugal Feminino* tem um programa que, sendo mínimo, sendo menino, poderá talvez chegar a máximo, a homem feito...

(...) No programa, há uma parte escrita a tinta azul, outra parte escrita a tinta vermelha e ainda outra a última, rabiscada a lápis. Tôdas me agradam, mas a última enternece-me, à fôrça de ingenuamente grandiosa.

A tinta escura, as resoluções definitivas, os números certos, cuja execução só poderá ser alterada por qualquer motivo demasiado previsto, infelizmente...

A vermelho, os projectos com azas cheias de coragem para voar, - os motores a que só falta combustível, para moveres impossíveis.

A lápis, os castelos no ar, que acaso podem, um belo dia, ser castelos na terra (...).” (*Portugal Feminino*: Fevereiro de 1930, 1-2)

Apesar de todas as intenções mais entusiastas de algumas directoras e redactoras, muitas destas revistas não teriam grande futuro, mudando algumas vezes de formato e adaptando a sua fórmula editorial na tentativa de sobreviverem; a maior parte raramente ultrapassava os dois ou três anos de publicação porque o público exclusivamente feminino capaz de as suportar era reduzido e porque sofriam a concorrência de outro tipo de imprensa dedicado a audiências mais vastas e que, ao incluir espaços femininos, ocupava grande parte do mercado. Em termos familiares uma assinatura da *Ilustração Portuguesa*, complementar à d’*O Seculo* que também incluía o *Suplemento de Modas e Bordados*, tornava supérflua a aquisição de outras revistas femininas. Os próprios diários de grande informação começavam a dedicar regulares crónicas aos diversos aspectos mais atractivos para as atenções femininas; os jornais encontravam, ao lado dos folhetins, na Moda um dos temas que com maior segurança prendia o público feminino. Lidas ao acordar, com a chegada dos jornais da manhã, nos tempos livres da tarde ou durante o serão, os assuntos da Moda tornavam-se, aliás, uma das obsessões femininas dos tempos que corriam. Apesar das opiniões em contrário, exactamente em ... revistas femininas.

“A «Revista Feminina» destina-se, principalmente, às senhoras que vivem mais para os seus deveres, para as suas obrigações, para as exigências e necessidades - do lar - do que para os caprichos da moda e para os falsos - e quasi sempre perigosos - preconceitos duma sociedade sem noções fortes e sem coragem viril.

(...) Com efeito, a moda feminina é corruptora - e corrompe. E nem só a moda de vestir. O teatro, o cinema, a dança são outros tantos elementos de perturbação social, de desorienta-

ção, contribuindo poderosamente para que os falsos criterios dissolventes tomem o lugar das velhas e sãs noções e das verdades que não morrem.” (*Revista Feminina*: Junho de 1926, 2)

#### 2.3.4. - As Modas

“É interessante notar como as mulheres portuguesas, apesar do aumento constante dos tecidos e dos preços exorbitantes dos feitios, continuam a ostentar as mais elegantes *toilettes* e as mais custosas fantasias. Efectivamente, é uma compensação da monotonia que caracteriza a actual sociedade lisboeta, do receio das constantes revoluções e das bombas, a persistência com que as nossas elegantes, esquecendo esses pavorosos sobressaltos, lutam para se apresentar originalmente vestidas, quer estejam em Lisboa, nos campos ou nas praias.” (*ABC*: 14 de Setembro de 1922)

O início do século XX marca, em termos internacionais, o nascimento de um sistema mundial da Moda, com uma hierarquização dos espaços pelos quais ela se espalha desde os seus centros principais e alternativos de criação e produção até às regiões periféricas de consumo. Entre estas últimas, Portugal tem o seu lugar e assim permaneceu durante todo o primeiro terço deste século e muito para além dele. É com distanciamento, geográfico e temporal, que se acompanham em terras portuguesas as radicais mudanças na silhueta feminina que caracterizam a mudança de século e se aprofundam ao longo do primeiro decénio de Novecentos, sob influência da inovadora “linha direita” de Poiret, que está na origem de toda a evolução do vestuário feminino das décadas seguintes (cf. BRAUN-RONSDORF: 1963, 173-175, BLACK e GARLAND: 1975, 311, BUTAZZI: 1983, 164, DESLANDRES e MULLER: 1986, 80, EWING: 1986, 62-63).

As implicações culturais, sociais, políticas, sexuais da Moda no comportamento humano e na sociedade já mereceram suficientes análises circunstanciadas que, sublinhando o seu carácter efémero ou a sua permanência nos rituais ligados aos mecanismos de diferenciação social ou

## ÍNDICE

Nota de Apresentação .....	5
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1. - Questões Temáticas .....</b>	<b>9</b>
1.1.1. - O Tema .....	9
1.1.2. - A Cronologia e o Contexto Histórico .....	11
<b>1.2. - Questões Metodológicas .....</b>	<b>14</b>
1.2.1. - O Estado dos Conhecimentos .....	14
1.2.2. - Os Materiais Disponíveis .....	17
1.2.3. - O Enquadramento Conceptual da Análise .....	19
1.2.4. - A Estrutura do Trabalho .....	21
<b>2. A MULHER NA SUA PLENITUDE: OS DISCURSOS NORMATIVOS .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1. - Os Veículos de Formação .....</b>	<b>26</b>
2.1.1. - A Família .....	28
2.1.2. - A Escola .....	38
2.1.3. - A Literatura Formativa .....	73
<b>2.2. - Os Modelos Propostos .....</b>	<b>85</b>
2.2.1. - A Filha .....	86
2.2.2. - A Noiva .....	92
2.2.3. - A Esposa .....	99
2.2.4. - A Mãe .....	104
2.2.5. - A Avó .....	114
<b>2.3. - As Fugas à Rotina .....</b>	<b>119</b>
2.3.1. - A Rua .....	120
2.3.2. - O Convívio Social .....	125
2.3.3. - A Imprensa Feminina .....	134
2.3.4. - As Modas .....	143
2.3.5. - A Literatura de Evasão .....	151

<b>3. OS DESVIOS À NORMA: ATITUDES SOCIAIS E COMPORTAMENTOS INDIVIDUAIS</b> .....	161
<b>3.1. - Os Males Necessários</b> .....	164
3.1.1. - A Viúva .....	165
3.1.1.1. - As Circunstâncias da Viuvez .....	166
3.1.1.2. - As Condições da Sobrevivência .....	169
3.1.2. - A Prostituta .....	173
3.1.2.1. - As Flutuações do Discurso Dominante .....	174
3.1.2.2. - A Caracterização da Prostituta .....	184
3.1.2.3. - Rituais, Rotinas e Espaços Frequentados .....	198
<b>3.2 - As Opções Reprováveis</b> .....	211
3.2.1. - A Celibataria .....	212
3.2.1.1. - A Atitude Social .....	214
3.2.1.2. - Os Valores Assumidos .....	222
3.2.2. - A Divorciada .....	226
3.2.2.1. - As Origens e Difusão do Divórcio .....	230
3.2.2.2. - As Motivações e as Perspectivas de Futuro .....	240
3.2.3. - A Trabalhadora .....	248
3.2.3.1. - As Causas da Opção .....	255
3.2.3.2. - As Ocupações Rurais e Urbanas Tradicionais .....	259
3.2.3.3. - As Novas Profissões .....	271
3.2.3.4. - As Condições de Trabalho .....	285
3.2.4. - A Mulher Culta .....	289
3.2.4.1. - A Artista .....	294
3.2.4.1.1. - A Melómana e a Cantora .....	300
3.2.4.1.2. - A Actriz, a Corista e a Dançarina .....	304
3.2.4.1.3. - A Artista Plástica .....	310
3.2.4.2. - A Intelectual e a Mulher de Letras .....	316
3.2.4.3. - A Activista Política .....	325
<b>3.3. - As Realidades Inadmissíveis</b> .....	334
3.3.1. - A Adúltera .....	334
3.3.1.1. - O Anátema Social .....	336
3.3.1.2. - A Proliferação dos Exemplos .....	339



3.3.2. - A Lésbica .....	345
3.3.2.1. - A Amplitude do Fenómeno .....	348
3.3.2.2. - Os Rituais e Comportamentos .....	352
3.3.3. - A Criminosa .....	364
3.3.3.1. - A Caracterização da Criminosa .....	366
3.3.3.2. - A Tipologia do Crime .....	374

